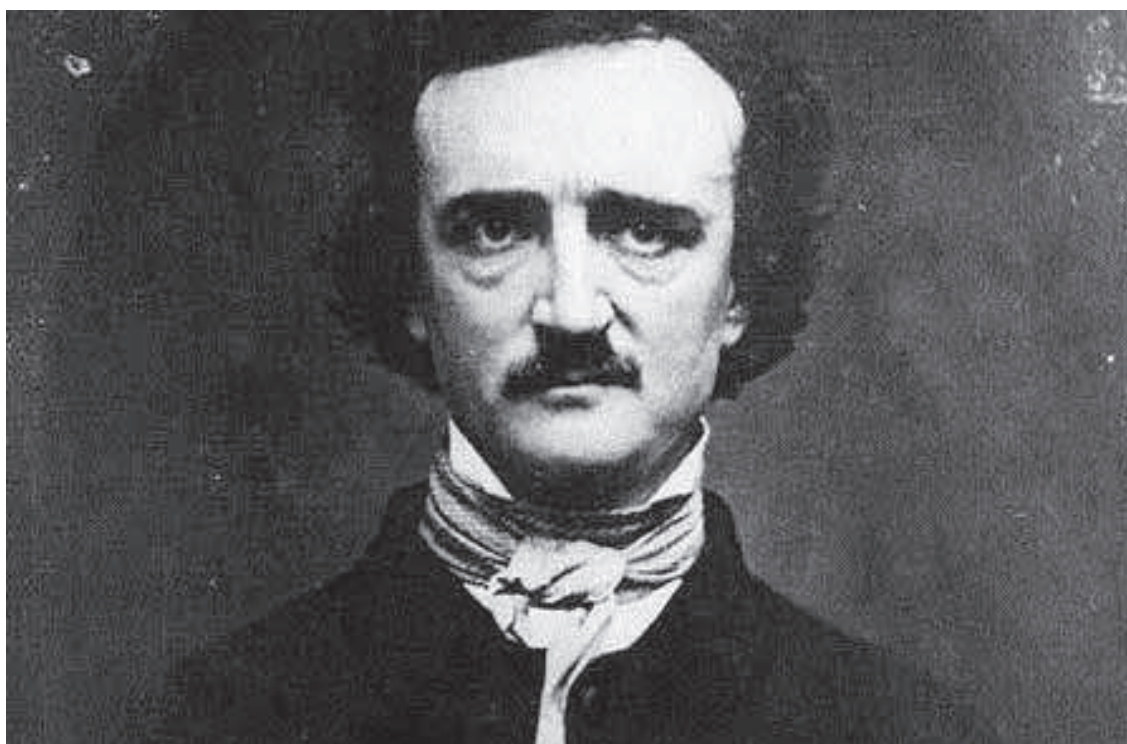


Resenha

“A carta roubada”, de Edgar Allan Poe

Rafael Geraldo Vianney Peres – Mestrando UFU¹

Ivan Marcos Ribeiro – Doutor - UFU²



Edgar Allan Poe 1809-1849. <http://www.poetryfoundation.org/bio/edgar-allan-poe>. Daguerreótipo de 1848.

Esta resenha tem como objetivo analisar o conto A carta roubada, de Edgar Allan Poe (Histórias extraordinárias. Seleção e trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.), tendo em vista a avaliação do caráter romântico da obra, em detrimento dos moldes científicos provenientes da aristo-

¹ Graduado em Letras, pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM). Aluno mestrando em Teoria Literária na Universidade Federal de Uberlândia (Ufu), sob orientação do Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro.

² Doutor pela Universidade Estadual Paulista, membro do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Uberlândia.

cracia. Com a ascensão da burguesia no final do século XVIII e sua consolidação em meados do século XIX, um novo modelo cultural, filosófico e político passou a confrontar a aristocracia decadente. Contudo, os métodos científicos desta continuaram a ser cultuados, sendo mais incisivos do que outrora. Houve então, a partir daí, um intenso conflito entre o Romantismo em voga e o cientificismo arbitrário e racional.

Baudelaire diz que Poe alia habilmente literatura com teorias científicas. Sabe-se que o autor de *A carta roubada*, além de sua eminente verve artística, era um ávido pesquisador das ciências. Sua formação eclética contribuiu para que ele engendrasses notáveis discussões filosóficas em seus textos. Parece paradoxal a ideia de Edgar Poe utilizar diversas teorias científicas e racionais em seus contos. Todavia, o escritor usa tais métodos justamente para atacá-los, já que ele faz com que seus personagens investiguem de maneira lógica suas emoções mais singulares até os mesmos comprovarem que não existe nenhuma teoria racional que possa extirpar o medo. Porém, existem obras do autor que não se encaixam na perspectiva gótica, utilizada na maioria de seus contos. *A carta roubada*, por exemplo, é uma narrativa à parte, pois ela ilustra uma aventura policial sem desfechos trágicos ou ambientes mórbidos (ao contrário de *Os assassinatos da Rua Morgue*). Poe fora o primeiro a projetar os enredos policiais na literatura norte-americana, criando o detetive Dupin, um astuto investigador de crimes aparentemente insondáveis.

A carta roubada é uma narrativa em primeira pessoa, na qual figuram os seguintes personagens: narrador, C. Auguste Dupin, Monsieur G., ministro D. e uma dama da realeza parisiense. A história trata do roubo duma carta sigilosa, pertencente a uma dama ilustre da alta cúpula parisiense. Segundo a própria mademoiselle, o roubo foi executado pelo ministro D., que a vira deixar a carta em cima do móvel. Ele notou o embaraço da distinta mulher, enquanto ela tentava olvidar o documento em meio a outros papéis. Astuto, o ministro trocou-a por uma circular parecida e se apossou da verdadeira. Com isso, ele passou a chantagear a dama, ameaçando-a com a possibilidade de divulgar a comprometedora mensagem contida na epístola.

Para evitar um escândalo político, o oficial de polícia Monsieur G. e os agentes da polícia parisiense foram designados para descobrir o esconderijo da carta e restituí-la à sua ilustre proprietária. No entanto, apesar de todos os métodos sofisticados empregados para procurar o documento, o oficial e seus agentes não tiveram êxito na missão. Com isso, G. recorre ao detetive Dupin, esclarecendo-lhe acerca de todos os detalhes do caso, bem como os meios usados para achar o precioso papel. A par de todos os acontecimentos, o detetive conclui que o alvo das buscas está à vista de todos, no gabinete do ministro, disfarçado em um envelope sujo e parcialmente rasgado, dentro dum porta-cartão. Dupin chega a esse consenso após uma visita a D., na qual ele confirma suas suspeitas.

Dupin contrata um arruaceiro para dar disparos com um mosquete na rua ao lado do gabinete de D.. A intenção do detetive é atrair a atenção do ministro para o tumulto, a fim de substituir a valorosa carta por outra qualquer, assim como o político fizera à dama. O intento é alcançado e o investigador passa a ter

em seu poder o documento. Desconhecendo tudo isso, Monsieur G. visita Dupin e o personagem-narrador. G. mostra-se descrente ao comentar sobre sua falha em recuperar a epístola. O oficial diz que pagaria uma generosa recompensa a quem conseguisse resgatar o documento. Diante dessas palavras, o investigador declara que lhe entregará a carta se ele preencher um cheque no valor de cinquenta mil francos. G. faz o que o amigo lhe pede e, estupefato, vê o detetive retirar o alvo de sua esmerada procura de dentro duma gaveta e entregar-lhe. Demonstrando um misto de vergonha e espanto, o oficial retira-se do aposento.

Conforme os esclarecimentos de Dupin, identificamos o conflito entre o cientificismo burguês e a perspectiva romântica. A partir do momento em que o detetive consegue recuperar a carta, valendo-se de suas ponderações sobre o caráter do ministro D., o eu se torna mais relevante que o pensamento científico comum. O investigador avalia D. não de forma racional e coletiva, mas de maneira subjetiva. O narrador salienta o caráter dessa postura, dizendo que “a identificação do intelecto do raciocinador depende (...) da exatidão com que o intelecto do oponente é avaliado”. O detetive estuda criteriosamente a inteligência e as atitudes do ministro diante de situações rotineiras. Há um aprofundamento psicológico que se contrapõe à observação puramente externa e metódica.

O investigador explica que o ministro D. não agia de forma racional como a maioria dos policiais esperavam (principalmente Monsieur G.). D. conhecia a maneira analítica da polícia lidar com esse tipo de caso e, por isso, tinha uma atitude completamente diferente dos métodos convencionais. Dupin diz que o ministro é poeta e matemático. A força policial de Paris deveria ter relevado essas duas características e, por meio delas, inferirem que o sujeito estava a par da metodologia utilizada na investigação. O mais óbvio então, seria esperar uma atitude do poeta, e não do matemático. O artista é aquele que consegue ocultar sob a simplicidade as coisas mais relevantes da vida. Assim se portou o ministro ao ludibriar os policiais. Se G. tivesse tido a mesma postura de Dupin, certamente teria solucionado o caso por conta própria.

O fato de Dupin e Monsieur G. seguirem métodos distintos de investigação deflagra o prélio entre a lógica e a emoção. Inicialmente, G. enfatiza a sagacidade da força policial parisiense durante a busca pela carta roubada dentro dos aposentos do ministro. A detalhada procura pelo documento revela um pensamento científico acurado, porém, previsível e mecânico. Em contrapartida, o detetive opta pela avaliação do caráter de seu oponente, encontrando assim, o tão visado esconderijo da carta. O sucesso do detetive demonstra que a subjetividade é mais esclarecedora que a razão. A partir do momento em que a análise é direcionada ao Pathos e não ao meio externo, o caráter do indivíduo é conhecido, deixando à mostra suas intenções.

Este conto, publicado em 1844, retrata uma época na qual a burguesia utilizava seus métodos científicos em todos os segmentos sociais, principalmente na indústria e no comércio. A classe burguesa investia cada vez mais na modernização das cidades e no melhoramento de seus parques industriais, a fim de acumular bens e poder. Não obstante, as pessoas também se “mecanizavam”, coibindo

seu lado afetivo em função do progresso. Ciente disso, Poe deixa transparecer, não só em *A carta roubada*, como em todas as suas obras, a opressão do meio externo às relações afetivas. Suas narrativas góticas são capazes de criar mundos transcendentais, onde o homem pode refugiar-se da realidade superficial e opressiva. As histórias do escritor abordam os âmbitos da psicologia e da psicanálise, antecedendo até mesmo as teorias de Freud, fundador desta última. O autor questiona a ciência, valendo-se da lógica que ela cultua.

A carta roubada é um exemplo da afirmação acima. Edgar Poe, mediante o detetive Dupin, tenta convencer o leitor de que métodos puramente racionais podem ser sobrepujados pelos aspectos emotivos do sujeito. O detetive argumenta que as ciências exatas formam uma convenção arbitrária, mediada pela observação do mundo, ou seja, o que faz parte do real agrega-se à subjetividade para transformar-se em cálculos. É estabelecida então, não uma verdade inquestionável e pronta, mas um processo de relações entre o meio externo e o interno. Essas “pernadas no mundo das idéias”, como Baudelaire destacou, é um tratado filosófico sobre a importância e a abrangência do Pathos em todos os campos do conhecimento, sobretudo em deferimento dos preceitos românticos do século XIX.

Este conto salienta o quanto o Romantismo foi influente – e ainda é – nos diversos segmentos sociais. A carta roubada mostra a aplicação dos conceitos românticos no decorrer duma investigação policial, evidenciando o quão é importante conhecer a personalidade do sujeito. Sendo assim, o agente não pode utilizar só paradigmas científicos para averiguar as circunstâncias do delito. Para obter êxito, é necessário analisar o raciocínio do oponente, ou seja, as ações do indivíduo devem ser avaliadas sob uma óptica mais subjetiva, o que se opõe à metodologia comumente usada pelas instituições burguesas. Consoante com essa assertiva é a inferência que Dupin expõe ao personagem-narrador: “Há motivos para crer que todas as ideias públicas e todas as convenções aceitas são grandes bobagens, pois convém à maioria”. Poe demonstra, portanto, que a investigação do ego é o modo mais eficaz de compreender as singularidades do homem.

*** Rafael Geraldo Vianney Peres**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7970675492597766>

*** Ivan Marcos Ribeiro**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6091564611629240>